

LINGUAGEM VISUAL E VERBAL NO LIVRO INFANTIL COM ILUSTRAÇÕES, LIVRO ILUSTRADO E LIVRO-IMAGEM

VISUAL AND VERBAL LANGUAGE IN CHILDREN'S BOOKS WITH ILLUSTRATIONS, ILLUSTRATED BOOKS AND PICTURE BOOKS

LENGUAJE VISUAL Y VERBAL EN LIBROS INFANTILES CON ILUSTRACIONES, LIBROS ILUSTRADOS Y LIBROS ILUSTRADOS

Dra. Rosane Fonseca de Freitas Martins

✉ ORCID

UEL

rosane@uel.br

Esp. Bruna de Paula Leopize

✉ ORCID

UEL

bruna.leopize97@uel.br

PROJÉTICA

DESIGN GRÁFICO: IMAGEM E MÍDIA

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

MARTINS, R. F. de F.; DE PAULA LEOPIZE, B. Linguagem visual e verbal no livro infantil com ilustrações, livro ilustrado e livro-imagem. **Projética**, Londrina, v. 16, n. 1, 2025. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/51498>.

DOI: 10.5433/2236-2207.2024.v16.n1.51498

Submissão: 23-09-2024

Aceite: 28-11-2024

MARTINS, R. F. de F.; DE PAULA LEOPIZE, B.

Resumo: Livros infantis são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças. Transmitem valores, ensinamentos éticos, identificação e podem ser criados tanto para educação e aprendizado quanto para entretenimento e ampliação da visão de mundo, considerando a complexidade de um livro literário, que não tem necessariamente a função de ensinar. Uma análise cuidadosa e criteriosa de livros infantis pode auxiliar na qualidade literária e no cumprimento de seu papel de forma eficaz e positiva. Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar a relação texto-imagem de três livros: um com ilustrações, um livro ilustrado e um livro-imagem, considerando os critérios apresentados por Nikolajeva e Scott (2011). A metodologia se baseia em pesquisa de natureza exploratória, descritiva e qualitativa, delineamento de dados secundários (história do livro ilustrado, relação texto-imagem, relação entre autores e ilustradores) como apoio em Sipe (1998), Salisbury (2012), e Barthes (2006). Espera-se obter dados sobre ambientação, caracterização dos personagens, perspectiva narrativa e temporalidade que possam provocar reflexões sobre o design de livros infantis.

Palavras Chave: livro ilustrado; livro com ilustração; livro-imagem; design editorial; comunicação visual

Abstract: *Children's books are fundamental for the cognitive and emotional development of children. They transmit values, ethical teachings, identification and can be made both for education and learning and for entertainment and broadening the worldview, cosidering the literature book's complexity, that doesn't necessarily has the function of teaching. A careful and criterious analisys of children's books can help on the literary quality and its role fulffillment in an effective and positive way. In view of this, this article's objective is to analyse the text-image relation of three books: an illustrated book, a picturebook and a picture book, considering the criteria presented by Nikolajeva and Scott (2011). The methodology is based on research of exploratory, descriptive and qualitative*

nature, delimitation of secondary data (the history of illustrated books, text-image relation, the relationship between authors and illustrators), with Sipe (1998), Salisbury (2012), and Barthes(2006) as support. It is expected to obtain data on setting, characterization, narrative perspective and temporality that can provoke reflections on children's books design.

Keywords: picturebook; illustrated book, picture book. Editorial design, visual communication.

Resumen: Los libros infantiles son fundamentales para el desarrollo cognitivo y emocional de los niños. Transmiten valores, enseñanzas éticas, identificación y pueden ser creados tanto para educación y aprendizaje como para entretenimiento y ampliación de la visión del mundo, considerando la complejidad de un libro literario, que no necesariamente tiene la función de enseñar. Un análisis cuidadoso y perspicaz de los libros infantiles puede ayudar a mejorar la calidad literaria y cumplir su función de manera efectiva y positiva. Por tanto, el objetivo de este artículo es analizar la relación texto-imagen de tres libros: uno con ilustraciones, un libro ilustrado y un libro de imágenes, considerando los criterios presentados por Nikolajeva y Scott (2011). La metodología se basa en una investigación exploratoria, descriptiva y cualitativa, diseño de datos secundarios (historia del libro ilustrado, relación texto-imagen, relación entre autores e ilustradores) como apoyo en Sipe (1998), Salisbury (2012) y Barthes (2006). Se espera obtener datos sobre ambientación, caracterización de personajes, perspectiva narrativa y temporalidad que puedan provocar reflexiones sobre el diseño de libros infantiles.

Palabras clave: libro ilustrado; libro con ilustración; libro de imágenes; diseño editorial, comunicación visual

INTRODUÇÃO

Livros ilustrados permeiam nossas vidas como seres visuais, desde a infância recheada de livros repletos de lições, as leituras obrigatórias durante os anos escolares, os livros ilustrados que pegamos nas prateleiras de bibliotecas e livrarias com capas chamativas e histórias intrigantes, até mesmo as edições especiais ilustradas que escolhemos colecionar. De *O Patinho Feio à Guerra dos Tronos- Edição Ilustrada*, seguimos encantados com os livros que misturam texto e imagens, dançando de um a outro, imagens que complementam textos, textos que complementam imagens, apenas imagens que contam histórias.

Os termos “picturebook”, “illustrated book”, “picture book” e “book with pictures” aparecem com frequência nas obras dos autores utilizados na pesquisa desse artigo. Porém, ao explicitar aqui a pesquisa realizada, podemos utilizar os termos escolhidos pelos editores da tradução brasileira do livro de Maria Nikolajeva e Carole Scott (2001), *Livro Ilustrado: Palavras e Imagens*. Os editores escolheram a tradução “livro ilustrado” para quando as autoras se referem a picturebooks e “livro com ilustração” para os casos que usam illustrated books, picture books e books with pictures. Portanto, para facilitar a leitura e compreensão, esta foi a escolha de tradução para os demais autores que escrevem em língua estrangeira.

Os livros ilustrados combinam a comunicação verbal e visual, apontando que a relação entre os signos icônicos (imagens, figuras, ilustrações) e os signos convencionais (palavras) é a mesma. Os icônicos têm como função representar e os convencionais, narrar. Nikolajeva e Scott (2011), apontam também a linearidade dos signos convencionais contra a não linearidade. Há entre os signos uma tensão que “gera possibilidades ilimitadas de interação entre palavra e imagem em um livro ilustrado” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 14).

Salisbury e Styles (2012a) diferenciam o livro ilustrado de livros com ilustração. O livro ilustrado é aquele que usa imagens sequenciais com pouco texto e livros com

ilustração são aqueles nos quais as ilustrações teriam papel de “melhorar, decorar e amplificar” o texto. Em ambos é necessária a interação entre os dois elementos: a imagem e o texto. Sipe (1998, p.98), por sua vez, usa o termo sinergia para os livros ilustrados, descrevendo a sinergia como sendo a interação entre texto e imagem, os dois elementos dos quais depende o livro ilustrado.

O problema que norteia esta pesquisa é saber quais as relações possíveis entre texto e imagem e como afetam o produto livro ilustrado. Diante do exposto, o objetivo deste artigo é analisar a relação texto-imagem de três livros: um com ilustrações, um livro ilustrado e um livro-imagem, considerando os critérios apresentados por Nikolajeva e Scott (2011) em *Palavras e Imagens*. Para tanto, é discutida brevemente a história do livro ilustrado, a relação texto-imagem, a relação entre autores e ilustradores, usando como apoio trabalhos de Lawrence R. Sipe, Martin Salisbury, Morag Styles e da relação texto-imagem segundo Barthes.

A pesquisa se justifica porque livros infantis impactam no desenvolvimento de crianças, podendo transmitir valores, ensinamentos éticos, aspectos identitários, e podem ser criados tanto para educação e aprendizado quanto para entretenimento e ampliação da visão de mundo, considerando a complexidade de um livro literário, que não tem a função de ensinar. Uma análise cuidadosa e criteriosa de livros infantis pode auxiliar na qualidade literária e no cumprimento de seu papel de forma eficaz e positiva.

A metodologia se baseia em pesquisa de natureza exploratória, descritiva e qualitativa, delineamento de dados secundários, com pesquisa bibliográfica de referencial teórico dos livros ilustrados, autor e ilustrador e relação texto-imagem como apoio em Sipe (1998), Salisbury e Styles (2012) e Barthes (2006). Posteriormente apresenta-se três objetos de análise usando os referenciais teóricos: *O Castelo Animado* de Diana Wynne Jones (2021), *Diary of a Wombat* de Jack French e Bruce Whatley (2002), e *Linhas* de Suzy Lee (2017).

MARTINS, R. F. de F.; DE PAULA LEOPIZE, B.

Espera-se obter dados sobre ambientação, caracterização dos personagens, perspectiva narrativa e temporalidade que possam provocar reflexões sobre o design de livros infantis.

O LIVRO ILUSTRADO

Uma brevíssima história do livro ilustrado

Haslam (2010) aponta os escribas do Egito como os primeiros designers de livro, pois usavam a combinação de escrita e ilustração enquanto Salisbury e Styles (2012) escolhem voltar aos tempos das cavernas para apontar as pinturas como os mais antigos exemplos de narrativa usando imagens. Citam, ainda, a Coluna de Trajano em Roma, tumbas do Egito Antigo, os muros de Pompéia, como provas do quanto antiga é a ideia de uma narrativa visual.

A tecnologia da impressão é parte fundamental da história dos livros ilustrados, como podemos observar nas impressões chinesas de cartas e cédulas (Haslam, 2010), a Bíblia de Gutenberg (a primeira impressão da bíblia), e o livro publicado em 1658 por Comenius, *Orbis Sensualium Pictus* (figura 1) considerado o primeiro livro com ilustrações infantis, amplamente utilizado na educação. O livro *Der Struwwelpeter* (1845), figura 2, de Heinrich Hoffman, é apontado como uma das influências para os livros ilustrados dos dias atuais. Nesse livro, Hoffman conta histórias acompanhadas de ilustrações com cautionary tales (Salisbury; Styles, 2012), que livremente traduzimos como contos de advertência, para ensinar lições de que maus comportamentos geram consequências.

MARTINS, R. F. de F.; DE PAULA LEOPIZE, B.

Figura 1 - Livro *Orbis Sensualium Pictus* de Comenius do ano de 1658



Fonte: Comenius (1658).

Figura 2 - Páginas do livro *Der Struwwelpeter* (1845) de Heinrich Hoffmann

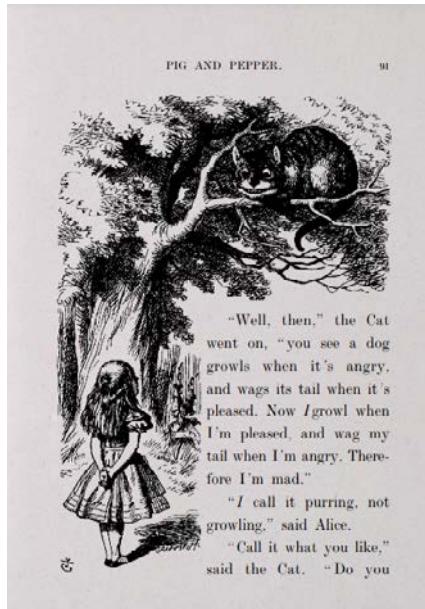


Fonte: Hoffmann (1845).

Em um capítulo sobre o nascimento do livro ilustrado moderno, Salisbury e Styles (2012) reconhecem Randolph Caldecott, ilustrador britânico, como o “pai do livro ilustrado”. Em suas histórias “emerge um subtexto pictórico que expande [...] o conteúdo narrativo conforme transmitido pela palavra escrita” (Salisbury; Styles, 2012, p. 16). Durante o século 20 aparecem, como importante marco, as ilustrações em *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Caroll. Feitas pelo ilustrador Sir John Tenniel, tinham papel central na leitura da história (figura 3).

MARTINS, R. F. de F.; DE PAULA LEOPIZE, B.

Figura 3 - Página de *Alice no País das Maravilhas* (1865) de Lewis Caroll,
ilustrado por John Tenniel



Fonte: Caroll (2000, p. 91).

Destacamos, também, Noel Carrington, editor dos anos 30, considerando sua ideia de produzir livros ilustrados infantis que tivessem arte de alta qualidade, preços de produção mais baixos e pudesse ser impressos em grandes quantidades. O formato proposto foi parte fundamental: eram 32 páginas de 18 por 23 centímetros, o livro inteiro era impresso em uma só folha, cortada e dobrada para formar o livro. Nos anos 50, há um aumento do número de designers gráficos partindo para a área dos livros ilustrados, atuando, muitas vezes, como autores e ilustradores.

Salisbury e Styles (2012) discutem a globalização e a internacionalização do mercado dos livros ilustrados, que permitiram espalhar autores e seus livros por diversos países, enquanto destacam a presença do mercado local e o peso de livros ilustrados que mostram a vida e cultura de cada país.

RELAÇÃO TEXTO E IMAGEM

Sipe (1998) chama a relação texto-imagem como sinergia, defendendo que em um livro com ilustrações o texto está incompleto sem a imagem, e vice-versa. Essa interação potencializa ambos aspectos do livro.

Para Nikolajeva e Scott (2011), a relação texto-imagem, especificamente quanto a livros ilustrados, é representação para imagem e narração para o texto. As autoras apontam que texto e imagem podem preencher o espaço deixado um pelo outro ou permitir que o leitor interprete à sua maneira, portanto as possibilidades de interação seriam infinitas.

Gomes e Silva (2020, p.10) citam a visão de Barthes sobre as três relações possíveis entre texto e imagem: ilustração, ancoragem e relay.

A ilustração é um mecanismo presente desde o surgimento da escrita. É subordinada ao verbal, sendo a imagem um meio de reforçar o que está dito no texto, na leitura. “A imagem [...] se relaciona diretamente com enunciado verbal” (Gomes; Silva, 2020, p. 18). Em relação a um livro ilustrado, a ilustração é, segundo Barthes (2006), ter o texto como centro e a imagem como um auxiliador.

Em ancoragem, Barthes aponta a imagem no papel central e o texto como “responsável pela redução da polissemia natural que ela carrega” (Gomes; Silva, 2020, p.20). Isso significa que a imagem tem muitos possíveis sentidos e, no caso da ancoragem, o texto seria ferramenta de delimitar qual sentido a imagem apresenta.

Relay, a terceira relação de Barthes, apresenta texto e imagem complementando-se, os dois aspectos unem-se “para construir os sentidos do texto, mantendo certa independência entre si” (Gomes; Silva, 2020, p. 22). Os dois aspectos teriam a mesma força e relevância em um livro ilustrado, por exemplo.

Em Livro Ilustrado: Palavras e Imagens, Nikolajeva e Scott (2011) referem-se a “dinâmica palavra-imagem” como um espectro que vai do extremo palavra ao extremo imagem. No quadro 1 abaixo, as autoras classificam, de um extremo a outro, no sentido vertical, tipos de livros ilustrados.

QUAL LINGUAGEM É MAIS IMPORTANTE EM LIVRO INFANTIL: TEXTO OU IMAGEM?

Saber se em um livro infantil predomina a linguagem de imagem ou a de texto é importante por várias razões, incluindo a faixa etária da criança, o objetivo do livro e o contexto de leitura.

1. *Adequação à Faixa Etária:* Crianças em diferentes estágios de desenvolvimento têm capacidades variadas de leitura e compreensão. Livros com predominância de imagens são geralmente mais adequados para crianças mais novas, que ainda estão desenvolvendo habilidades de leitura. Já livros com mais texto podem ser indicados para crianças mais velhas, que já possuem habilidades de leitura mais avançadas.

- Bebês e Crianças até 3 anos: As imagens são, geralmente, mais adequadas e importantes. Cores vivas, imagens grandes, captam a atenção e estimulam a observação e o reconhecimento de objetos, formas, pessoas, etc.
- Pré-escolares (3-5 anos): Textos ganham mais importância, imagens mantêm sua crucialidade. Livros com um equilíbrio entre texto e imagem ajudam a desenvolver habilidades linguísticas e de narrativa.
- Crianças em Idade Escolar (5-7 anos e mais velhas): À medida que as crianças aprendem a ler, o texto se torna cada vez mais importante. Porém, as imagens ainda são essenciais para complementar o texto e ajudar na compreensão da história.

2. Objetivo do Livro:

- Educação e alfabetização: Livros com ênfase maior no texto são importantes pois ajudam a alfabetizar e a desenvolver habilidades de leitura e vocabulário.
- Estímulo Visual e Verbal: Imagens podem comunicar de maneira rápida e direta, essenciais para estimular a imaginação e a capacidade de observação. Textos, por outro lado, desenvolvem habilidades verbais, como vocabulário, gramática e compreensão de leitura. O equilíbrio entre ambos é importante para um desenvolvimento completo.
- Desenvolvimento social, cultural e emocional: Livros com imagens ricas e detalhadas podem ajudar as crianças a entender emoções, relações e situações sociais, fornecendo pistas visuais que complementam o texto. Ajudam a reforçar culturas e o pertencimento.
- Entretenimento e imaginação: Imagens atraentes e histórias envolventes podem ser mais eficazes para capturar a imaginação das crianças e incentivá-las a ler por prazer.

3. Contexto de Leitura:

- Leitura independente: Para crianças que estão começando a ler sozinhas, o equilíbrio entre texto e imagem pode ser ideal, pois as imagens ajudam a sustentar o interesse e a compreensão.
- Compreensão da história: Livros com mais imagens podem ajudar crianças a entender a história de maneira mais intuitiva e visual, especialmente se ainda não sabem ler ou estão começando a aprender. Imagens podem complementar e enriquecer a narrativa, facilitando a compreensão do enredo, cenários, personagens.

- Leitura em voz alta: Quando um adulto lê para a criança, tanto texto quanto imagem são importantes. O adulto pode ajudar a explicar o texto enquanto as imagens mantêm a criança envolvida e interessada.
- Interação e engajamento: Livros com predominância de imagens muitas vezes incentivam a interação entre a criança e o adulto que lê o livro. Livros com mais texto podem engajar leitores mais independentes, incentivando a leitura autônoma. Pode promover discussões, perguntas e uma exploração mais profunda do conteúdo visual.
- Desenvolvimento da Imaginação: A presença de imagens estimula a imaginação e a criatividade das crianças, permitindo que elas interpretem e criem suas próprias narrativas a partir das ilustrações. Textos, por outro lado, podem fornecer detalhes mais específicos e contextos que ajudam a moldar a imaginação de maneiras diferentes.
- Lacunas: Há autores que defendem que deve haver lacunas para imaginação da criança, o que é conseguido apenas com o texto, para que a criança possa imaginar a cena do jeito que quiser.

4. *Diversidade de Estilos de cognição e aprendizagem:* Algumas crianças aprendem melhor visualmente, enquanto outras respondem melhor ao texto, podem ser mais verbais. Livros que combinam ambos os elementos podem atender a diferentes estilos de aprendizagem e necessidades individuais. Entender a predominância de linguagem em um livro ajuda a escolher materiais que melhor se adequem aos estilos de aprendizagem individuais das crianças.

5. *Desenvolvimento de Habilidades Multimodais:* A combinação de imagens e textos ajuda a desenvolver habilidades multimodais, nos quais as crianças aprendem a interpretar e integrar informações de diferentes fontes. Crucial para a alfabetização visual e textual, competências importantes no mundo contemporâneo.

Em resumo, não há uma resposta única sobre qual linguagem é mais importante, pois ambas desempenham papéis essenciais no desenvolvimento infantil. O equilíbrio entre texto e imagem deve ser ajustado de acordo com a faixa etária, o objetivo do livro e o contexto de leitura. Identificar a predominância de linguagem de imagem ou de texto em um livro infantil é importante para garantir que ele seja apropriado para o desenvolvimento, interesses e necessidades de cada criança.

METODOLOGIA

ANÁLISE DOS LIVROS

Para os fins desse artigo, foram selecionadas três obras que contemplam as seguintes classificações no espectro palavra-imagem proposto por Nikolajeva e Scott (2011): livro narrativo com poucas ilustrações, livro ilustrado simétrico e livro-imagem apresentados no quadro 1.

No processo de produção dos livros ilustrados a relação entre autor e ilustrador varia muito. Há situações em que o autor é também ilustrador, como Suzy Lee, autora do livro-imagem *Linhas*.

Outra possível relação é o autor e ilustrador trabalharem em conjunto ou em contato no fazer do livro ilustrado, como aconteceu nos oito livros de Jackie French que acompanham vombates. Ela trabalhou com o ilustrador Bruce Whatley nessa série e em outros livros.

Autores e ilustradores trabalhando separadamente, sem contato entre si, é outra possibilidade na produção dos livros. Edições ilustradas de clássicos da literatura lançadas muitos anos depois da morte de seus autores são um exemplo. Outro livro selecionado para análise *O Castelo Animado* é, também, exemplo dessa relação. Com a impossibilidade de trabalharem juntos, o ilustrador faz um projeto à parte do autor.

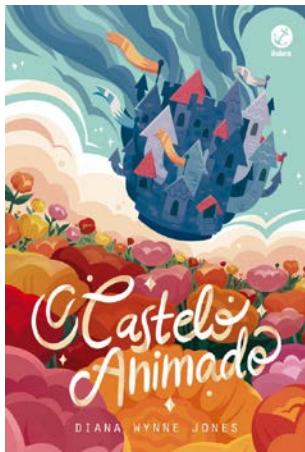
Uma questão que Nikolajeva e Scott (2011, p. 50-61) trazem quanto a relação entre as duas partes criadoras dos livros ilustrados é quando o livro é traduzido. Durante o processo de tradução pode acontecer do texto e seus sentidos serem ligeiramente – ou, até mesmo, completamente – mudados, as ilustrações sendo mantidas as mesmas, isso causa uma discrepância entre texto e imagem. No caso dos três exemplos selecionados para análise, *Diary of a Wombat* mantém-se em seu idioma original, Linhas é um livro-imagem sem texto para ser traduzido e seu sentido alterado, em *O Castelo Animado* tem-se projeto gráfico e ilustrações feitas por profissionais brasileiros para acompanhar o material traduzido, não acarretando nessa distância de sentido entre texto e imagem que as autoras apontam como possíveis.

Os pontos a serem analisados seguindo os estudos de Nikolajeva e Scott (2011) são: ambientação, caracterização dos personagens, perspectiva narrativa e temporalidade.

O CASTELO ANIMADO DE DIANA WYNNE JONES

Primeiro de uma trilogia de livros, *O Castelo Animado*, originalmente lançado em 1986, segue Sophie Hatter depois de ser amaldiçoada por uma poderosa bruxa e acabar no castelo do infame Mago Howl, cuja fama negativa precede-o como devorador de corações de moças. A edição analisada foi lançada pela Editora Galera em 2021, com ilustrações de Isadora Zeferino. Essa edição encaixa-se na categoria determinada por Nikolajeva e Scott como um texto narrativo com poucas ilustrações. Na edição e-book, que foi o formato consultado, o livro possui ilustrações na abertura de cada um de seus 21 capítulos. Essas ilustrações são decorativas e usadas para destacar um ponto importante do capítulo que abrem.

Figura 5 - Capa de *O Castelo Animado* (2021) ilustrado por Isadora Zeferino



Fonte: O Castelo Animado.

Figura 6 - Guarda de *O Castelo Animado* (2021)



Fonte: O Castelo Animado.

No primeiro capítulo, “No qual Sophie fala com chapéus”, a ilustração é de um chapéu, uma tesoura, flores, fita e agulhas, para demonstrar a ligação da protagonista (figura 7), Sophie Hatter, com a confecção de chapéus. Ela está presa à loja de chapéus da família e para passar o tempo, como sugere o título do capítulo, conversa e dá nomes aos chapéus que confecciona. Já no capítulo 13 (figura 8) “No qual Sophie suja o nome de Howl”, a protagonista, a pedido do mago Howl, vai até o castelo do rei de Ingary, a terra onde se passa a história, para fingir ser a velha mãe do mago e sujar seu nome, fazendo assim com que o rei não queira Howl como seu próprio mago. A ilustração mostra Sophie Hatter bem vestida em frente às escadas do palácio.

Figura 7 - Ilustração do Capítulo 1 No qual Sophie fala com chapéus



Fonte: Jones (2021, p. 8).

Figura 8 - Ilustração do Capítulo 13 No qual Sophie suja o nome de Howli



Fonte: Jones (2021, p. 161).

Em se tratando dessa edição do livro, a autora e ilustradora são pessoas diferentes e não trabalharam juntas na construção da parte visual para complementar o texto verbal, visto que Jones faleceu em 2011. Quanto à relação texto-imagem por Barthes, O Castelo Animado encaixa-se como ilustração, pois a porção visual é subordinada à verbal, funcionando como um reforço para o que está escrito. As imagens reforçam algum aspecto importante do capítulo que abre, a profissão de Sophie no primeiro capítulo, as escadarias do palácio no capítulo 13.

Como apontado pelas autoras “a história continuará basicamente a mesma e pode ainda ser lida sem considerar as imagens” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 23), a presença das ilustrações não é indispensável ao texto verbal, elas são subordinadas ao escrito.

As descrições dos cenários, acontecimentos, personagens, estão dentro do texto verbal, as ilustrações não são o meio do livro de mostrar esses aspectos. Para as autoras essa independência do texto quanto às imagens torna O Castelo Animado um livro com ilustrações e não um livro ilustrado. Há, nas ilustrações, uma seleção feita pela artista de quais momentos-chave retratar, a frigideira com ovos e bacon do café-da-manhã que Sophie começa a preparar no Capítulo 4 (Figura 9), a porta-portal levando até o mundo original de Howl no Capítulo 10 (Figura 10). Há mais,

nesses dois capítulos, do que aquilo mostrado na ilustração, mas essa escolha trata de resumir em poucos elementos um momento importante, como no capítulo 10, Sophie vende pimenta, como um falso feitiço para um cliente insistente e ganha roupas novas de Howl. Os personagens apenas passam pelo portal no final do capítulo, mas a escolha foi por retratar esse momento que continua no capítulo seguinte.

Figura 9 - Ilustração do Capítulo 4 No qual Sophie descobre vários fatos estranhos



Fonte: Jones (2021, p. 47).

Figura 10 - Ilustração do Capítulo 10 No qual Calcifer promete a Sophie uma pista



Fonte: Jones (2021, p. 125).

Por se tratar de um livro narrativo com poucas ilustrações, aspectos como ambientação, caracterização dos personagens, perspectiva narrativa e temporalidade são determinados pelo texto verbal, devido à subordinação das imagens ao texto.

Por ser um livro de fantasia, parte da ambientação está ligada a este elemento do mundo, como a presença do demônio do fogo e outros objetos mágicos. O mago Howl vem de Gales, mundo em que tecnologias como computador e carros estão presentes. Isso causa à Sophie, que vem de um mundo menos avançado tecnologicamente, medo e estranhamento. A personagem refere-se ao computador como caixa mágica e seus fios como caules enraizados a parede do quarto (Jones, 2021). Os cenários presentes no texto criam o clima da história.

O foco das ilustrações não é criar o cenário para a ambientação da história. Tem-se uma ou outra que ilustra parte de algum cenário, como nas Figuras 8 e 10, as escadarias no palácio de Kingsbury e a porta no castelo de Howl. A descrição dos cenários aparece no texto verbal, como

Havia várias coisas provavelmente próprias de magia pendendo das vigas — réstias de cebolas, molhos de ervas e feixes de estranhas raízes. Havia também outras, estas com certeza próprias de magia, como livros de couro, garrafas tortas e um velho e soridente crânio humano de cor marrom. Do outro lado do garoto, via-se uma lareira com um fogo modesto queimando. Tratava-se de uma lareira muito menor do que toda a fumaça lá fora sugeria, mas, obviamente, essa era apenas uma salinha nos fundos do castelo (Jones, 2021, p. 39-40).

A caracterização dos personagens é subordinada às impressões de Sophie, por ser a protagonista e seu ponto de vista ser o foco da narração: lê-se o que ela vê e pensa, a maneira como ela enxerga os personagens e suas ações. É como o leitor tem contato com eles. A exemplo disso Sophie vê a si mesma como uma desafortunada irmã mais velha com poucas perspectivas, não percebe que Howl sabe que ela está enfeitiçada e interpreta as emoções dele a partir de seus próprios sentimentos.

Há os traços da presença do narrador na narrativa verbal (Nikolajeva; Scott, 2011). A perspectiva narrativa é de Sophie Hatter, com um narrador em terceira pessoa. Um exemplo da presença da temporalidade aparece nas ilustrações dos capítulos 18 e 19, ambas têm flores. Na figura 11 as flores e plantas estão vivas e cheias, enquanto na figura 12 há apenas uma flor murcha, elementos que refletem os acontecimentos da história, ilustrando a passagem de uma rotina na nova floricultura em que Sophie mantém as flores vivas por mais tempo conversando com palavras mágicas, para os sentimentos intensos e a fúria causada por ciúme, fazendo com que Sophie acabe matando as plantas. Porém, a passagem do tempo pode ser melhor percebida através da narrativa verbal.

MARTINS, R. F. de F.; DE PAULA LEOPIZE, B.

Figura 11 - Ilustração do Capítulo 18 No qual o espantralho e a srta. Anorian reaparecem



Fonte: Jones (2021, p.219).

Figura 12 - Ilustração do Capítulo 19 No qual Sophie expressa seus sentimentos com herbicida



Fonte: Jones (2021, p. 232).

DIARY OF A WOMBAT DE JACKIE FRENCH E BRUCE WHATLEY

Livro ilustrado criado em parceria entre a escritora Jackie French e o ilustrador Bruce Whatley. Conta da perspectiva de um vombate, um marsupial, sua rotina cavando buracos, treinando uma família de humanos a seus gostos, dormindo. Essa obra foi selecionada para demonstrar um livro ilustrado simétrico em que a quantidade de texto é similar a quantidade de ilustrações. A autora e o ilustrador trabalharam juntos na construção desse livro.

Diary of a Wombat se encaixa como um livro ilustrado que mantém o equilíbrio entre a quantidade de texto e imagens, todas suas páginas são preenchidas pelo trabalho da autora e do ilustrador. Em algumas páginas, como as representadas na Figura 14, tem ilustrações correspondentes a cada uma das frases escritas, enquanto outras (Figura 15) escolhem ilustrar algum momento do texto. Na Figura 15, a ilustração mostra do lado esquerdo o vombate sentado na frente da porta com uma tigela de cenouras como representação do trecho “Night: Offered carrots at the back door”, esse é um pedaço do texto presente na página que foi escolhido para ser representado com imagem. Na página da direita de todo o texto relatando

parte da rotina do animal, o ilustrador desenhou o trecho “Chewed up on a pair of boots, three cardboard boxes, eleven flower pots and a garden chair till they got the message./Ate rolled oats.”.

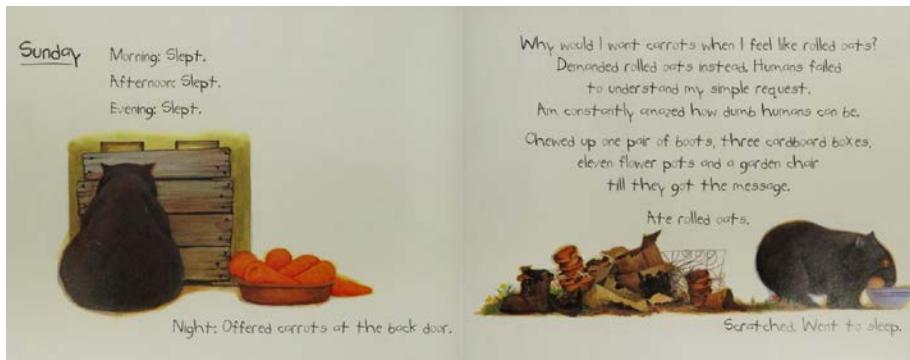
Quanto a questão proposta pelos autores, pode-se observar que a capa do livro representa em uma imagem parte significativa da rotina do animal-protagonista, o vombate gosta muito de comer cenouras e dormir, ações citadas em quase todas as páginas – mais especificamente, cenouras aparecem em 10 páginas e o vombate dorme, ou cita dormir, em 13 páginas. Portanto, não é surpresa que a ilustração de capa mostre o vombate dormindo com cenouras por perto.

Figura 13 - Capa do livro *Diary of a Womabt* (2007)

Diary of a Womabt



Fonte: French (2007)

Figura 14 - Páginas 20 e 21**Fonte:** French (2007)**Figura 15 - Páginas 28 e 29****Fonte:** French (2007)

A história do vombate é ambientada na propriedade de uma família. O animal pede cenouras, cava buracos no quintal, mexe nas roupas penduradas, faz buracos na porta, rouba cenouras da sacola de compras. Essa ambientação é explicitada por meio do texto, mas principalmente das imagens. Até a página 9, Vombate relata sua rotina como sendo principalmente dormir. As páginas são quase inteiramente brancas, não há cenário além de um pequeno tufo de grama que é desenhado apenas algumas vezes. A partir da página 10, é mostrada a família pela primeira vez, e dali por diante o

animal interage com objetos pertencentes a essa família (um tapete de boas-vindas, a porta, mesa e cadeiras, a lata de lixo e mais) e os seus membros.

Não há descrição verbal da aparência dos personagens, dos locais e pouca descrição das situações. Essas especificidades são obra da porção visual do livro, que não se limita ao que está escrito e descrito para construir as ilustrações. Há, na maioria das páginas, cenário reduzido. Grande parte das ilustrações é apenas o Vombate, algum objeto com o qual ele interage e fundo branco. Algumas páginas são mais detalhadas, como o personagem rolando na poeira (p. 10) e a ilustração na página final com o animal dormindo em um buraco abaixo da casa da família (p. 32). Esse maior detalhamento na ilustração final ajuda a fechar o enredo, e é comparável à primeira imagem que mostra apenas o animal dormindo em fundo branco. O desenho de parte da casa mostra a evolução do enredo de Vombate dormindo sozinho no começo e dormindo junto à família que treinou como seus. O foco é no protagonista e naquilo que circunda sua rotina: as cenouras, a aparição da família em algumas páginas, a porta da casa, a lata de lixo, e mais. Não há na casa ou nos personagens (humanos ou animais) uma indicação de quando se passa a história. Os objetos são usuais, mais modernos, mas não é possível indicar um ano exato. Pode-se assumir que estão na Austrália, por ser o país onde esses animais são encontrados.

No livro, não há descrição narrativa dos personagens e suas aparências, é possível perceber seus visuais e caracterizações através das ilustrações de Whatley. Sobre o animal, pode-se perceber sua caracterização num conjunto entre imagem e texto, é um animal preguiçoso, que gosta de comer e entende suas ações para com a família como uma forma de treinamento de “animais” de estimação, subvertendo os papéis convencionais de animal e humano. As ilustrações mostram melhor a personalidade da família em contraste com a maneira que Vombate interpreta suas ações. Pode-se afirmar, então, que a caracterização nesse livro é um trabalho conjunto entre o texto e a imagem, não sendo completamente possível ter a ideia completa da caracterização dos personagens usando apenas um ou outro. Como

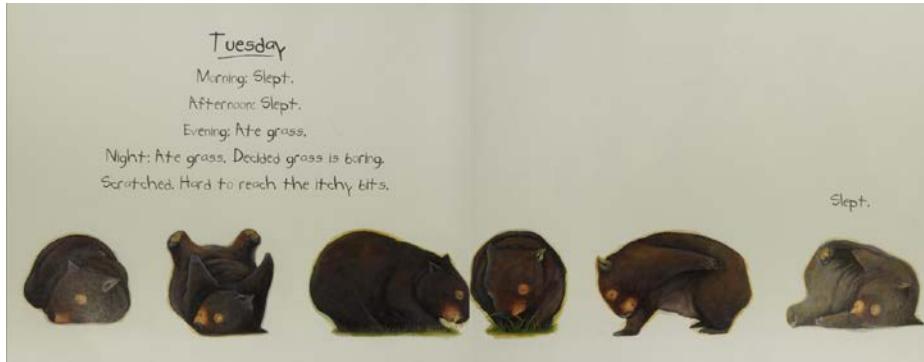
apontam as autoras, o fato da história ser protagonizada por um animal permite que questões como “idade, gênero e condição social” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 126) sejam deixadas de lado. Ele está inserido, de certa maneira, no mundo humano, já que interage constantemente com a família, porém essas questões permanecem sendo irrelevantes para o enredo do livro.

A narração do livro é feita pelo protagonista e vê-se pelas ilustrações o que o animal vê, porém mostra nuances que ele pode não entender, como as reações da família ao que ele chama de treinamento. Portanto, as ilustrações pegam o ponto de vista do narrador e expandem para que o leitor entenda além do que o animal vê, sente e pensa. Os traços da presença do narrador que aparecem no livro são resumos dos acontecimentos (a descrição da rotina) e comentários sobre as ações ocorridas (o animal ganha cenouras, decide que humanos são fáceis de treinar e são bons bichos de estimação). Não há diálogo direto entre os humanos e Vombate: o animal transmite seus desejos por meio de ações que são respondidas pelos humanos com outras ações - há diálogo entre os humanos (p. 16).

Há uma espécie de contraponto na perspectiva (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 172) entre o ponto de vista de Vombate e de como o animal vê suas ações e como as ilustrações mostram a reação dos humanos, os receptores diretos ou indiretos de muitas das atitudes do animal, como o vombate rolando da terra enquanto eles fazem comida, os buracos no jardim, o animal roubando os alimentos nos sacos de compras.

A temporalidade no livro expressa-se por meio do texto, com a contagem dos dias e dos períodos que contam a rotina do animal, as ilustrações, nesse caso, não demonstram sozinhas a temporalidade descrita pelo texto verbal. Contrário ao que Nikolajeva e Scott (2011, p. 195) apontam como maneiras de livros ilustrados demonstrarem temporalidade, não há sinais claros nas imagens que sugeririam passagem de tempo se forem analisadas separadamente, não há relógios que mostrem a hora passando, as imagens não ilustram o céu (para que seja possível a distinção dos períodos pelas cores) ou sinais das mudanças de estação.

Figura 16 - Páginas 7 e 8 de *Diary of a Wombat*



Fonte: French (2007)

Sobre a passagem de tempo quanto à variação de movimentos, pode-se observar esse recurso na imagem acima. As ilustrações variam a posição do animal e mostram as ações descritas no texto verbal. Na primeira e segunda, ele dorme; na terceira e quarta, come grama; na quinta, o animal coça-se, na última, ele dorme. Essas pequenas variações mostram, em conjunto com o texto, a passagem do tempo no dia do animal. Usa-se a sequência de imagens para ilustrar a temporalidade, em uma imagem o animal dorme, na próxima ele come grama, essa “sequência transmite o fluxo do tempo” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 201).

Fosse *Diary of a Wombat* um livro com apenas a porção verbal, o leitor perderia as nuances da história. Como na página 9 em que Vombate diz ter achado o lugar perfeito para um banho de poeira, a ilustração na página seguinte mostra que o animal rola na poeira enquanto a família faz um churrasco, atrapalhando a refeição. A criatura peluda (French, 2007, p. 11) com quem o animal afirma ter lutado uma grande batalha, é um tapete de boas-vindas. Por várias vezes o animal-protagonista relata que estava treinando os humanos para que lhe dessem cenouras ou outros alimentos, enquanto as imagens contam que a família dá comida para que o animal não morda a porta, vire o lixo ou crie confusões na propriedade. Essa diferença sutil no que o texto, que relata a perspectiva de Vombate, tem para com as imagens, faz

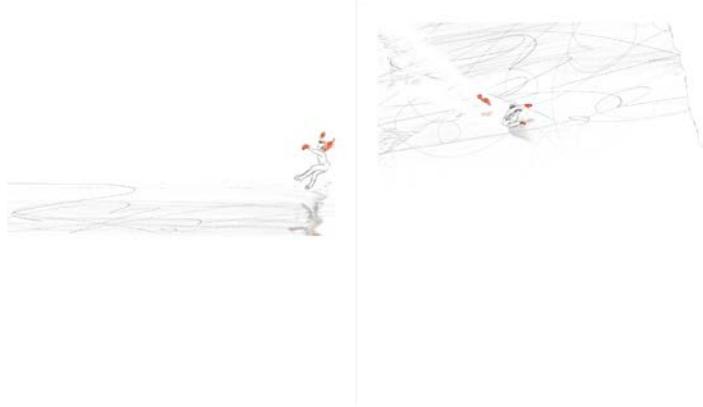
como que um não seja completo sem o outro. Há uma relação de relay, segundo Barthes, nesse livro ilustrado. Os dois aspectos mantêm sua independência, ao mesmo tempo que unidos constroem o sentido da obra, ambos têm força igual.

LINHAS DE SUZY LEE

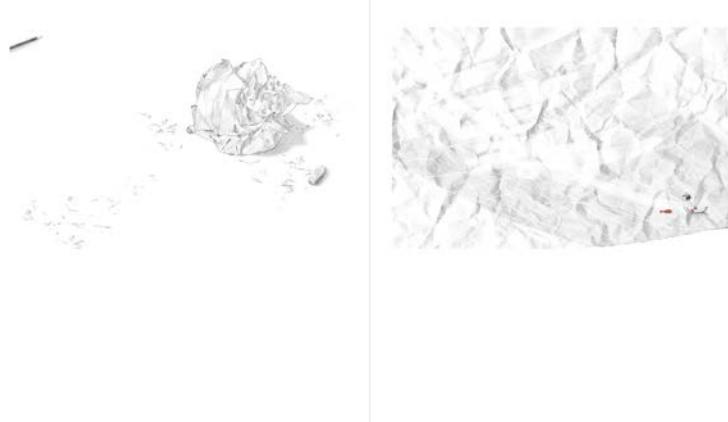
Criado pela autora-ilustradora Suzy Lee, esse livro-imagem narra, por meio de linhas desenhadas em um papel uma garotinha patinando no gelo. Para análise foi consultado um arquivo em formato PDF, podendo haver variação de número de páginas e numeração das páginas caso outro formato seja lido. Há a intervenção da autora-ilustradora na narrativa ao mostrar antes mesmo de a história começar uma folha de papel em branco, um lápis e uma borracha, assim como nas páginas 19 e 20 há a ponta de um lápis, o papel amassado, uma borracha.

O livro-imagem está no extremo da imagem no quadro do livro ilustrado de Nikolajeva e Scott (2011, p. 27).

Figura 17 - Páginas 17 e 18 de *Linhas*



Fonte: Lee (2017, p. 17-18).

Figura 18 - Páginas 19 e 20 de *Linhas*

Fonte: Lee (2017, p. 19-20).

Por ser um livro-imagem, a ilustração é, portanto, responsável por descrever, representar e narrar. A narrativa de *Linhas* é pictórica: não há texto verbal durante toda sua extensão, e é por meio das ilustrações de Suzy Lee que a história é construída. Segundo Nikolajeva e Scott (2011), o livro-imagem com narrativa exige do leitor uma verbalização da história.

Até a página 18, o destaque fica para as roupas vermelhas que a patinadora está usando. O cenário é em tons de cinza feitos pelo grafite do lápis presentes no desenho do corpo e nas linhas deixadas pelos patins e o branco da folha de papel (o gelo onde a garota patina). A partir da página 19, surgem mais e mais patinadores com suas roupas coloridas, adicionando cor ao cenário.

Linhas tem ambientação mínima: a autora-ilustradora usa do branco do papel para fazer o cenário do gelo, as linhas feitas por lápis mostram a trajetória que ela fez, deixando os riscos no gelo (as linhas no papel). A borracha apaga algumas dessas linhas na página 18 para ilustrar a protagonista escorregando contra o gelo. Da página 19 em diante, com o surgimento de companheiros na patinação, o cenário começa a ficar

mais detalhado: na página 23 é possível ver as bordas da superfície em que patinam; nos cantos há pessoas fazendo um boneco de neve; já na página seguinte a ilustração expande mais ainda: pode-se ver as árvores ao redor e concluir que estão patinando em um lago congelado. Usa-se a ambientação para mostrar o humor da personagem e da autora. Nas primeiras páginas vê-se nada além das linhas, a personagem e o gelo, quando a patinadora cai, a autora mostra a folha de papel amassada em frustração. Na página 20, a folha foi aberta, mas ainda se percebe os amassados. Na página seguinte, com o surgimento de mais um patinador a folha volta a ficar lisa, e dali por diante a patinadora volta a se divertir, mas junto a outros.

Por se tratar de um livro-imagem, a ambientação fica por conta das ilustrações. Não há texto verbal, portanto, a descrição de cenários acontece por meio visual. O cenário simplificado na maior parte do livro é ferramenta de Lee para mostrar ao leitor-espectador a evolução da narrativa, de uma garota patinando sozinha para a diversão em grupo com o surgimento de mais personagens. As autoras compararam os cenários de um livro ilustrado àqueles do teatro, no caso de Linhas, o cenário até a página 22 é mais simbólico, o papel e o grafite representam o gelo e o caminho, da 23 em diante a autora passa a expandir o cenário para criar o clima da evolução da narrativa. Esse cenário ganha detalhes conforme a protagonista sente-se menos sozinha com a presença de outros para brincar.

Tratando-se de uma narrativa visual, Linhas usa de elementos do desenho para caracterizar a personagem, como com o aumento dos números de linhas na página para simbolizar a patinação, a personagem passa a cada página a ficar menos alegre. É um sinal da caracterização quando, nas páginas 19 e 20, a folha é amassada e a patinadora está com rosto fechado. Percebe-se a caracterização, também, quando se compara à expressão da personagem antes e depois do surgimento de outros patinadores. A descrição dos personagens, do cenário e da narrativa é feita por meio do visual. Há uma caracterização mínima da protagonista: não se sabe seu nome, sua idade, sua história, o livro não dá acesso a detalhes específicos. A personagem patina sozinha no gelo, frustra-se e se anima novamente quando é acompanhada por outros, desses outros personagens também nada se sabe.

Nikolajeva e Scott apontam sobre a perspectiva narrativa em um livro ilustrado, a maneira como os leitores são obrigados a um ponto de vista fixo escolhido e determinado, nesse caso, por Lee. As imagens carregam tanto o ponto de vista quanto a voz narrativa, já que é através de apenas ilustrações que Linhas conta uma história. A ilustradora narra usando as imagens, descobre-se que a personagem está num lago em meio a árvores apenas quando a ilustração mostra, já que não há texto verbal para contar onde é o gelo, como é o local. O mesmo ocorre quanto às emoções da personagem que são percebidas pelo desenho de seu rosto e pelo amassar frustrado do papel, que mistura os sentimentos da personagem e do narrador.

A intervenção da presença de um artista é percebida mostrando a folha em branco, lápis e borracha (p. 4), papel amassado, lápis, borracha e sua sujeira (p. 19) e os amassados presentes no papel (p. 20). Isso lembra o leitor da mão da autora-ilustradora na narrativa do livro.

A temporalidade e presença do movimento é percebido não só pela mudança de uma página a outra do lugar onde está a personagem, mas da quantidade de linhas no papel. A cada nova ilustração a quantidade de linhas (de passadas no gelo) aumenta. As linhas, que se curvam, estendem, atravessam umas às outras, criam na sequência de ilustrações a ideia de movimentação e passagem do tempo. Na página 13, por exemplo, a patinadora rodopia - a ilustradora usou linhas de movimento, repetição das luvas e gorro e borrões para retratar o movimento. Outros recursos presentes são pés e mãos levantados, cabelos em movimento. A imagem final (p. 25) com as folhas empilhadas e o lago vazio cheio de linhas e borrões, mostra a passagem do tempo em relação as páginas anteriores, ali estiveram patinadores que deixaram marcas no gelo, o lugar mostra a temporalidade.

Figura 19 - Página 22**Figura 20 -** Página 25

Fonte: Lee (2017, p. 22).

Fonte: Lee (2017, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se analisar três livros que tivessem predomínio de linguagens diferentes, visuais e verbais, utilizando como base a graduação proposta no quadro texto-imagem de Nikolajeva e Scott. *O Castelo Animado* foi apresentado como exemplo de um livro narrativo com poucas ilustrações e no qual a autora e ilustradora não tivessem trabalhado em conjunto. *Diary of a Wombat* foi escolhido para representar um livro ilustrado com equilíbrio entre a quantidade de texto verbal e de imagens, exemplo em que a autora e o ilustrador trabalharam juntos no processo do livro. E *Linhas* é um livro-imagem narrativo autoral, sem presença de texto verbal, foi feito por uma autora-ilustradora. Os três livros são muito diferentes entre si.

A breve história dos livros ilustrados foi apresentada por afetar o formato que essa mídia carrega hoje em dia. Salisbury e Styles foram referenciados por apontar momentos essenciais na evolução do formato livro ilustrado. A relação entre texto e imagem de Barthes e os critérios de Nikolajeva e Scott basearam a classificação dos livros selecionados, com quatro categorias apontadas: ambientação, caracterização de personagens, perspectiva narrativa e temporalidade, embora as autoras citem

mais critérios que podem ser analisados como desdobramentos futuros deste artigo como objeto de análise.

Há uma enorme gama de livros ilustrados, livros com ilustrações, livros-imagem entre outras categorias, como livros álbuns, livros objetos e outras denominações que abraçam as diferentes composições entre imagem e texto atualmente, com estilos diversos que mostram a evolução na forma da narrativa e que permite uma enorme liberdade e possibilidades de execução, seja qual for a idade do leitor, com qualidade literária. Trabalhar linguagens únicas em narrativas não significa limitar a sua compressão – texto e imagem desempenham papéis essenciais no desenvolvimento infantil e podem ser igualmente ricas como linguagem. Seu equilíbrio deve ser ajustado de acordo com a intenção do autor, do livro, da faixa etária (considerando-se aqui o repertório do leitor), o contexto de leitura e decisão editorial.

- JONES, D. W. *O Castelo Animado*. Tradução de Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Galera Record, 2021. 279 p.
- LEE, S. *Lines*. São Francisco: Chronicle Books, 2017. 48 p.
- NIKOLAJEVA, M; SCOTT, C. *Livro Ilustrado: palavras e Imagens*. Tradução de Cid Knipel. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2011. 365 p.
- SALISBURY, M.; STYLES, M. A brief history of the picturebook. In: SALISBURY, M.; STYLES, M. *Children's picturebooks: the art of visual storytelling*. Londres: Laurence King Publishing Ltd., 2012. Cap. 1, p. 10-48.
- SIPE, L. R. How picture books work: a semiotically framed theory of text-picture relationships. *Children's Literature in Education*, New York, v. 29, n. 2, p. 97-108, jun. 1998.